

Revisão dos registros sul-brasileiros do gênero *Phoebetria* Reichenbach, 1853 e primeiro registro documentado de *Phoebetria palpebrata* (Forster, 1785) (Procellariiformes: Diomedidae) para Santa Catarina

Andrei L. Roos¹ e Vítor de Q. Piacentini²

¹Rua Luís Ribeiro s/nº, Centro, 64795-000 Caracol, PI, Brasil. E-mail: alroos@mailbr.com.br

²Rua Marcus Aurélio Homem, 285, Serrinha, 88040-440 Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: ramphocelus@hotmail.com

Recebido em 15 de abril de 2003; aceito em 2 de julho de 2003.

ABSTRACT. A revision of records of *Phoebetria* Reichenbach, 1853 from southern Brazil and first documented record of *Phoebetria palpebrata* (Forster, 1785) (Procellariiformes: Diomedidae) from Santa Catarina. In recent decades several records of the sooty albatross (*Phoebetria* spp.) have been reported on the Brazilian coast. However, almost all reports were based on sightings only, or were identification errors. Concrete evidence of the occurrence of these species along the southern Brazilian coast is lacking. The finding of a live *Phoebetria palpebrata* in Florianópolis, Santa Catarina, is presented herein. The bird was measured, photographed and is now in the MZUSP collection. This is the first documented record of this species in southern Brazil.

KEY WORDS: albatrosses, Brazil, Diomedidae, distribution, oceanic birds, *Phoebetria*, *Phoebetria palpebrata*, Procellariiformes, Santa Catarina State.

PALAVRAS-CHAVE: albatrozes, Brasil, Diomedidae, distribuição, aves oceânicas, *Phoebetria*, *Phoebetria palpebrata*, Procellariiformes, Santa Catarina.

Os albatrozes estão entre as maiores aves do planeta, sendo extremamente adaptados à vida oceânica. São encontrados em terra somente na época reprodutiva, quando fazem seus ninhos em locais próximos ao mar, geralmente em ilhas oceânicas. Estes Procellariiformes, pertencentes à Família Diomedidae, são aves grandes com asas longas e estreitas, sendo bem característico seu estilo de voo, com ciclos longos e regulares de subidas e descidas rentes à superfície do mar (Vooren e Fernandez 1989, Sick 1997).

A família possui 13 espécies conhecidas, distribuídas em quatro gêneros *Diomedea* Linnaeus, 1758, *Thalassarche* Reichenbach, 1852, *Phoebastria* Reichenbach, 1852, e *Phoebetria* Reichenbach, 1853. Originalmente descritas como espécies do gênero *Diomedea*, *Phoebetria fusca* (Hilsenberg, 1822) e *P. palpebrata* (Foster, 1785) são as duas espécies atualmente reconhecidas deste gênero (Murphy 1936, Woods 1975, Blake 1977, Vooren e Fernandes 1989, Sick 1997).

Ambas possuem distribuição limitada ao hemisfério sul, porém o Piau-preto (*P. fusca*) está mais relacionado a baixas latitudes (entre 30°S e 55°S), parecendo estar confinado à região do Atlântico-Índico. Nidifica nas Ilhas de Tristão da Cunha, Gough, Saint Paul, Inaccessible e Amsterdam (Murphy 1936, Woods 1975, Blake 1977, Vooren e Fernandes 1989, Sick 1997). Já o Piau-de-costa-clara (*P. palpebrata*) possui distribuição circumpolar na região antártica e subantártica ao sul dos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, entre os 20°S e para além do círculo antártico (66,5°S), podendo estar relacionada a correntes frias provenientes da Antártica. Nidifica nas ilhas subantárticas mais frias, como as ilhas Geórgias do Sul, Antípodas, Campbell, Auckland, Macquaire,

Kerguelen, Crozet, Prince Edward e Sandwich do Sul (Murphy 1936, Woods 1975, Blake 1977, Vooren e Fernandes 1989, Sick 1997).

As duas espécies de albatrozes são muito semelhantes, possuindo praticamente o mesmo tamanho e forma, sendo ambas de voo gracioso. O semicírculo de penas brancas atrás dos olhos, assim como as hastes (ou raques) brancas das primárias de ambos os lados e das penas da cauda são características marcantes do gênero (Harper e Kinsky 1978). Quando próximas, a principal característica que distingue as duas espécies é a coloração de um sulco longitudinal presente na mandíbula, o qual é amarelo em *P. fusca* e varia de azul a roxo em *P. palpebrata* (Murphy 1936, Blake 1977, Harper e Kinsky 1978, Vooren e Fernandes 1989). Outra diferença a ser considerada é o distinguível manto mais claro e contrastante com a cabeça e asas em *P. palpebrata*, enquanto *P. fusca* possui o dorso mais escuro, de cor similar ao restante do corpo (Murphy 1936, Blake 1977, Harper e Kinsky 1978).

Registros sul-brasileiros

Estas espécies de albatrozes possuem poucos, escassos e controversos registros publicados para a costa brasileira (Vooren e Fernandes 1989, Teixeira *et al.* 1988, Willis e Oniki 1993, Sick 1997, Lima *et al.* 1997, Roman 1998, Sampaio e Castro 1998), sendo também raras as avistagens a bordo de embarcações de pesquisas oceanográficas e pesqueiras (Vooren e Fernandes 1989, Sampaio e Castro 1998).

Sick (1997) cita *P. palpebrata* para o Rio Grande do Sul sem indicar uma localidade específica. Belton (1994) menciona que o registro de Sick não possui informações disponí-

veis, esclarecendo somente que o registro é do mês de agosto. Bencke (2001) desconsidera os registros citados em Vooren e Fernandes (1989) e em Belton (1994) como sendo desta espécie. Segundo Bencke (2001), o indivíduo coletado por Vooren e Fernandes e citado por Belton teria sido erroneamente identificado. Ainda segundo este autor, possivelmente o registro constante na obra de Sick (1997) tenha sido feito com base nestas informações equivocadas. Desta forma o único registro válido para o Rio Grande do Sul é de um espécime de *P. fusca*, o qual foi relatado por A. H. Roman durante o VII Congresso Brasileiro de Ornitologia, no Rio de Janeiro, em 1998, como estando depositado no Museu Oceanográfico do Vale do Itajaí (MOVI). Este registro é considerado válido por Bencke (2001).

Para o estado do Paraná não há registros documentados do gênero *Phoebetria*. A espécie *P. palpebrata* atualmente está na lista secundária de espécies do Paraná, devido aos seus registros serem baseados em avistagens em alto mar, sem qualquer tipo de documentação física, enquanto *P. fusca* passa a ser considerada somente como espécie de possibilidade de ocorrência marginal por abstração linear, pois foi encontrada mais ao sul e mais ao norte do Paraná, mas sem ter sido encontrada no Estado (Scherer-Neto e Straube 1995; Straube *com. pess.*).

Até o presente momento tanto *P. fusca* quanto *P. palpebrata* não possuem registros para o estado de Santa Catarina (Bege e Marterer 1991, Rosário 1996), embora o Estado esteja na área de ocorrência provável, com registros ao norte e ao sul.

Outros registros brasileiros

Os registros de *P. fusca* para o estado de São Paulo foram considerados por alguns autores como *P. palpebrata* (Pinto 1964, Teixeira *et al.* 1988), entretanto atualmente são considerados registros válidos de *P. fusca* (Willis e Oniki 1985, 1993, Olmos *et al.* 1995, Grantsau 1995). O espécime de tal polêmica encontra-se devidamente tombado na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP). Não há outros registros publicados sobre a ocorrência de *Phoebetria* spp. para o estado de São Paulo.

Sampaio e Castro (1998) registram *P. palpebrata* para o litoral da Bahia, espécime que consta como depositado no Museu Nacional. Grantsau (1995) também cita a espécie *P. palpebrata* para o litoral norte da Bahia a partir de coletas de P. Lima. Entretanto P. Lima e colaboradores, durante o VI CBO, realizado em Belo Horizonte em 1997, divulgaram somente um *P. fusca* como nova ocorrência para o litoral da Bahia. Segundo os mesmos autores, o espécime está tombado na coleção científica da CETREL (Empresa de Proteção Ambiental do Pólo Petroquímico de Camaçari).

Registro documentado para Santa Catarina

O registro documentado neste artigo refere-se a um indivíduo de *Phoebetria palpebrata* que foi encontrado na praia de Jurerê, município de Florianópolis, SC (27°26'S, 48°30'W) no dia 11 de novembro de 2001 (figuras 1 e 2). A identificação foi baseada nas características distinguíveis do

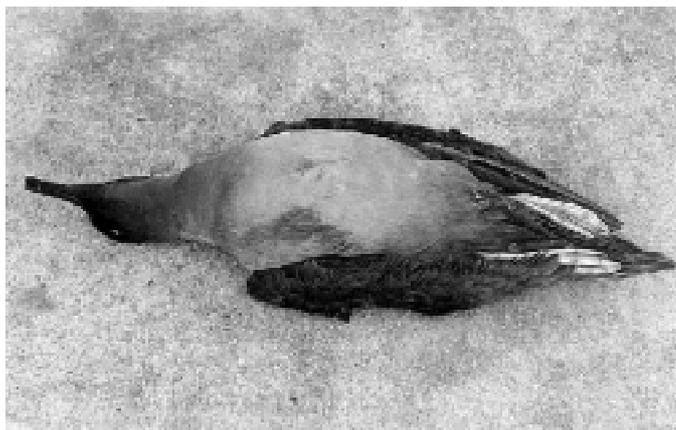


Figura 1. Vista ventral do indivíduo de *Phoebetria palpebrata* (MZUSP 75196) coletado em Florianópolis, Santa Catarina. (foto: A. L. Roos)

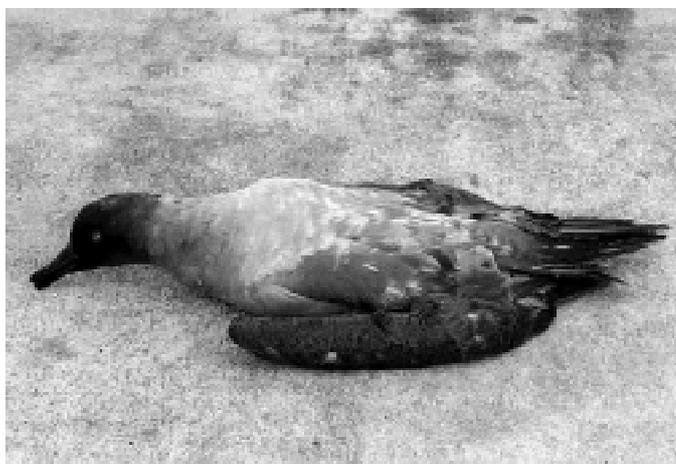


Figura 2. Vista dorsal do indivíduo de *Phoebetria palpebrata* (MZUSP 75196) coletado em Florianópolis, Santa Catarina. (foto: A. L. Roos)



Figura 3: Detalhe da cabeça do indivíduo de *Phoebetria palpebrata* (MZUSP 75196) coletado em Florianópolis, Santa Catarina. Repare no semicírculo branco atrás do olho e na ponta do cúlmen quebrada. (foto: A. L. Roos)

gênero, conforme Grantsau (1995), e calcada em bibliografias e guias de campo disponíveis (Murphy 1936, Blake 1977, Woods 1975, Harper e Kinsky 1978, Harrison 1985, 1987, Narosky e Yzurieta 1987, de la Peña e Rumboll 1998).

O indivíduo foi encaminhado, ainda vivo, para o Centro de Triagem e Recuperação de Animais Silvestres (CETRAS) mantido pela Companhia de Polícia Ambiental de Santa Catarina. Com a ponta do cúlmen (unguis ou unha maxilar) quebrada (figura 3), o indivíduo foi mantido alguns dias nas instalações do CETRAS na tentativa de sua recuperação, morrendo no dia 15 de novembro, sem causa evidente, já que aceitava alimentação oferecida pelos tratadores. Acreditamos em complicações provavelmente ocasionadas pela quebra do bico, ou até alimentação inadequada.

Após a sua morte, o espécime foi encaminhado ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) onde foi depositado sob número MZUSP 75196. A biometria apresentou os seguintes valores: cúlmen (quebrado) – 94,91 mm; cúlmen - ponta da mandíbula – 101,29 mm; altura do bico na base – 39,41 mm; cauda – 256 mm; asa – 570 mm; dedo c/unha – 122,52 mm; tarso – 84,59 mm.

Com base nas informações disponíveis, este passa a ser o primeiro registro documentado de *Phoebetria palpebrata* para o sul do Brasil, sendo também o primeiro para Santa Catarina. Este fato ressalta a importância de maiores estudos com aves marinhas, tanto costeiras quanto pelágicas, a fim de se esclarecer os padrões de distribuição e dispersão dessas espécies. Embora muitos ornitólogos dispensem pouca atenção para o aparecimento de aves marinhas mortas ou debilitadas nas praias, principalmente após grandes tempestades e fortes frentes frias, este material deveria ser mais explorado pois representa uma importante e interessante área a ser trabalhada por pesquisadores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda a equipe do CETRAS e da R3 Animal pela comunicação e doação do espécime. A Fábio Olmos pelo recebimento e encaminhamento do exemplar ao MZUSP, pela revisão, sugestões e envio de referências bibliográficas; a Fernando Straube pelo auxílio no contato com diversos pesquisadores da área; a John Arnett pela revisão do *abstract*; e a todos que direta ou indiretamente forneceram informações para a elaboração do texto.

REFERÊNCIAS

- Blake, E. R. (1977) *Manual of neotropical birds vol. Spheniscidae (Penguins) to Laridae (Gulls and Allies)*. Chicago and London: University of Chicago Press.
- Bege, L. A. R. e B. T. P. Marterer (1991) *Conservação da avifauna na região sul do Estado de Santa Catarina*. FATMA. Florianópolis.
- Belton, W. (1994) *Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia*. Editora Unisinos. São Leopoldo.
- Bencke, G. A. (2001) *Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul*. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- de la Peña, M. R. e M. Rumboll (1998) *Birds of southern South America and Antarctica*. Harper Collins Publishers. London.
- Grantsau, R. (1995) Os Albatrozes (Diomedidae, Procellariiformes) do Atlântico e suas ocorrências na costa brasileira e uma chave de identificação. *Bol. CEO* (12):20-31.
- Harrison, P. (1985) *Seabirds: an identification guide*. Croom Helm. London.
- (1987) *A field guide to seabirds of the world*. The Stephen Greene Press. Lexington.
- Harper, P. C. e F. C. Kinsky (1978) *Southern albatrosses and petrels: an identification guide*.
- Murphy, R. C. (1936) *Oceanic birds of South America*. Vol 1. New York: Macmillian and American Museum of Natural History.
- Narosky, T. e D. Yzurieta (1987) *Guía para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay*. Vazquez Mazzini Editores. Buenos Aires.
- Olmos, F., P. Martuscelli, R. Silva e Silva, e T. S. Neves (1995) The seabirds of São Paulo, southeastern Brazil. *Bull. Brit. Orn. Club* 115:117-127.
- Pinto, O. M. O. (1964) *Ornitologia brasiliense*. Secretaria de Agricultura: São Paulo.
- Rosário, L. A. do (1996) *As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente*. FATMA. Florianópolis.
- Sampaio, C. L. S. e J. O. Castro (1998) Registros de *Phoebetria palpebrata* (Foster, 1785) no litoral da Bahia, Nordeste do Brasil (Procellariiformes: Diomedidae). *Ararajuba* 6:136-137.
- Scherer-Neto, P. e F. C. Straube (1995). *Aves do Paraná. História, lista anotada e bibliografia*. Ed. dos Autores. Curitiba.
- Sick, H. (1997) *Ornitologia Brasileira*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- Teixeira, D. M., J. B. Nacinovic, I. M. Schloemp e E. E. Kischlat (1988) Notes on some Brazilian seabirds (3). *Bull. Brit. Orn. Club* 108: 136-139.
- Vooren, C. M. e A. C. Fernandes (1989) *Guia de albatrozes e petrelés do sul do Brasil*. Sagra. Porto Alegre.
- Willis, E. O. e Y. Oniki. (1985) Bird specimens new for the state of São Paulo, Brazil. *Rev. Bras. Biol.* 45:105-108.
- (1993) On a *Phoebetria* specimen from southern Brazil. *Bull. Brit. Orn. Club* 113:60-61.
- Woods, R.W. (1975) *The birds of the Falkland Islands*. New York.

BRANCA